



CÂMARA DOS DEPUTADOS
DEPUTADO JOSEILDO RAMOS / PT- BA

PROJETO DE LEI Nº _____, DE 2024.
(Do Sr. JOSEILDO RAMOS)

*Inscribe o nome do senhor
Rubens Beyrodt Paiva e da senhora **Maria
Lucrécia Eunice Facciolla Paiva** no Livro dos
Heróis e Heroínas da Pátria.*

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º Fica inscrito, respectivamente, o nome do senhor e da senhora, , **Rubens Beyrodt Paiva** e **Maria Lucrécia Eunice Facciolla Paiva** no livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, que se encontra no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, localizado na Praça dos Três Poderes, em Brasília.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

Com base na Lei nº 11.597, de 29 de novembro de 2007, o Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, localizado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, tem objetivo de registrar para eternidade os nomes dos brasileiros e brasileiras ou de grupos de brasileiros que tenham oferecido suas vidas à Pátria.



Rubens Beyrodt Paiva, brasileiro, nascido em 26 de dezembro de 1929, no município de Santos, estado de São Paulo, formou-se em Engenharia Civil pela Escola de Engenharia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde iniciou sua vida política no movimento estudantil, sendo presidente do Centro Acadêmico e vice-presidente da União Estadual dos Estudantes de São Paulo.

Casou-se com Maria Lucrécia Eunice Facciolla, com quem teve cinco filhos: Marcelo Rubens Paiva, escritor e jornalista, Vera Sílvia Facciolla Paiva, psicóloga e professora, Maria Eliana Facciolla Paiva, jornalista, editora de arte e professora, Ana Lúcia Facciolla Paiva, matemática e empresária, e Maria Beatriz Facciolla Paiva, psicóloga e professora.

Em 1962, Paiva foi eleito deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Seu mandato teve um curto período. Na madrugada do então golpe militar, em 1º de abril de 1964, o parlamentar fez um forte discurso em defesa do presidente eleito nas urnas, João Goulart e convocou os estudantes e sindicalistas a resistirem ao golpe que se efetivava. De forma imediata, teve seu mandato cassado pelo Ato Institucional nº1 e foi obrigado a deixar o país e exilar-se na Iugoslávia e França, retornando ao Brasil em 1965.

Seis anos depois, na madrugada de 20 de janeiro de 1971, após a detenção de Cecília de Barros Correia Viveiros de Castro e Marilene de Lima Corona por agentes do Centro de Informações da Aeronáutica (CISA), no aeroporto do Galeão, Rio de Janeiro, foram encontradas cartas de militantes políticos exilados no Chile. Tendo em vista que Rubens Paiva era um dos destinatários das cartas, no mesmo dia seis agentes armados com metralhadoras invadiram a sua casa.

Paiva saiu de sua casa guiando o próprio carro, fato que permitiu à família provar que o ex-deputado havia sido preso, o que era negado pelos órgãos de repressão. Rubens Paiva foi levado em seu carro para prestar depoimento no Quartel da 3ª Zona Aérea, à época comandada pelo tenente-brigadeiro João Paulo Moreira Burnier. Desde seu sequestro, já foram iniciadas as torturas. No mesmo dia 20 de janeiro, Rubens Paiva, Cecília de Barros Correia Viveiros de Castro e Marilene de Lima Corona foram conduzidos para o DOI-CODI do I Exército (RJ). Os familiares do deputado permaneceram incomunicáveis, detidos em sua casa durante todo o dia.



Com o lançamento do filme “Ainda estou Aqui”, do diretor Walter Sales, O Brasil passa a conhecer ainda mais a história desse brasileiro, vítima da brutalidade de um período nefasto da nossa história. Rubens, assim como centenas de outros brasileiros mortos e desaparecidos, dedicou a sua vida ao país, seja como militante, engenheiro e deputado federal. Sua coragem e resiliência devem ser para sempre lembradas e todas as atrocidades que ele e sua família sofreram jamais devem ser esquecidas para que nunca mais sejam repetidas contra o povo brasileiro. É por isso, que solicitamos ao nobres pares o registro de Rubens Beyrodt Paiva no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

Maria Lucrécia Eunice Facciolla Paiva, brasileira, nascida em 7 de novembro de 1929, em São Paulo, capital, formou-se em Direito e foi um símbolo na luta contra a Ditadura Militar no país. Eunice cresceu no bairro do Brás, em São Paulo, em uma família de origem italiana. Desde cedo, cultivou o gosto pela leitura.

Foi Viúva de Rubens Paiva, torturado e assassinado pela ditadura militar nos porões do DOI-CODI no Rio de Janeiro em 1971. Na mesma ocasião, Eunice foi presa junto à filha Eliana, então com 15 anos, e levada também às dependências do DOI-CODI carioca. Eliana permaneceu presa por 24 horas no local, Eunice por 12 dias, sendo interrogada. Após a libertação, passou a exigir a verdade sobre o paradeiro do seu marido.

Eunice tem sua memória revelada com o lançamento do novo filme de Walter Sales, “Ainda Estou Aqui”, em cartaz dos cinemas de todo o país. O filme joga luzes sobre o papel fundamental de Eunice na busca da verdade do desaparecimento de Rubens Paiva e na resistência contra os crimes e abusos da Ditadura no Brasil.

Foi depois do assassinato do seu companheiro, em 1973, que ingressou na faculdade de Direito. Tornou-se advogada respeitada e se engajou em lutas sociais e políticas. Eunice combateu a política indigenista do regime até o final da ditadura, e tornou-se uma das poucas especialistas em direito indígena do país.

Em 1987, ao lado de outros parceiros, fundou o Instituto de Antropologia e Meio Ambiente (IAMA), ONG que atuou até 2001 na defesa e autonomia dos povos indígenas. Em 1988, foi consultora da Assembleia Nacional Constituinte, que promulgou a Constituição Federal Brasileira.



Foi uma das principais forças de pressão que culminou com a promulgação da Lei 9.140/95, que reconhece como mortas as pessoas desaparecidas em razão de participação em atividades políticas durante a ditadura militar. Em 1996, após 25 anos de luta por memória, verdade e justiça, Eunice conseguiu que o Estado brasileiro emitisse oficialmente o atestado de óbito de Rubens Paiva.

Faleceu aos 86 anos, no dia 13 de dezembro de 2018, em São Paulo, deixando para todos nós o exemplo de luta, perseverança e de força para enfrentar todas as barbaridades que a Ditadura promoveu contra sua família e contra os brasileiros. Eunice é exemplo que o país não pode esquecer e deve reverenciar. Por isso, diante do exposto, pedimos aos nobres colegas a aprovação desse projeto e do registro do seu nome e do seu companheiro, Rubens Beyrodt Paiva, no Livro de Heróis e Heroínas da nossa pátria.

Sala das Sessões, em 12 de novembro de 2024.

Deputado JOSEILDO RAMOS – PT/BA

